

Ano 17, Vol. XVII, Núm 2, jul-dez, 2024, pág 533-572

## **USO DE PLANTAS MEDICINAIS POR POVOS MILENARES DA AMAZÔNIA – BRASIL (MUNDURUKU, KARAPÁNA, PUPÝKARY, TIKUNA E KOKAMA), GUINÉ BISSAU (FULAS, GABU) E MOÇAMBIQUE –TETE (DEMA E NYUNGWE): UMA PERSPECTIVA COMPARADA**

**USE OF MEDICINAL PLANTS BY ANCIENT PEOPLES OF THE AMAZON –  
BRAZIL (MUNDURUKU, KARAPÁNA, PUPÝKARY, TIKUNA E KOKAMA),  
GUINEA BISSAU (FULAS, GABU) AND MOZAMBIQUE – TETE (DEMA AND  
NYUNGWE): A COMPARATIVE PERSPECTIVE**

Alcioni da Silva Monteiro <sup>1</sup>  
Hely Brasil do Nascimento <sup>2</sup>  
Leiciane Seabra<sup>3</sup>  
Ussumane Baldé <sup>4</sup>  
Gilvânia Plácido Braule <sup>5</sup>  
Antônio Alone Maia <sup>6</sup>  
Suely A. do N. Mascarenhas <sup>7</sup>  
Tania Suely Azevedo Brasileiro <sup>8</sup>

### **RESUMO**

Nesse artigo registramos a importância de documentar saberes e fazeres tradicionais de povos milenares acerca do uso de plantas medicinais. Registra utilizações e práticas de plantas medicinais nos contextos do Brasil (Estado do Amazonas, municípios de Manaus, Borba, Benjamin Constant e Lábrea), Guiné Bissau (Fulas, Gabu) e Moçambique (Tete) com a finalidade de ampliar a oferta de informações organizadas de forma científica associadas à práticas do uso de plantas medicinais em distintos contextos geográficos, histórico culturais dos co-autores. Para documentar as informações aportadas nesse texto recorreremos a vivências e estudos anteriores dos coautores, dialogando com a literatura especializada da área. Dentre as plantas medicinais de uso comum destacamos: folhas da mangueira no caso de Brasil, Guiné Bissau e Moçambique. Copaíba, andiroba, raízes de

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de Ciências e Humanidades - Universidade Federal do Amazonas (UFAM), 2020. Professora Coordenadora da Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SEMEC) de Lábrea/Amazonas. Brasil, E-mail: [alcionimonteiro@hotmail.com](mailto:alcionimonteiro@hotmail.com). Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8710-4520>

<sup>2</sup> Docente, Licenciado em História e Sociologia, Mestrando em educação, Universidade Federal do Amazonas (PPGE-UFAM), Bolsista FAPEAM. Instituição: Universidade Federal do Amazonas, E-mail: [h.b.nascimento.ppge.ufam@gmail.com](mailto:h.b.nascimento.ppge.ufam@gmail.com), Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7044-1739>

<sup>3</sup> Pedagoga, atuando na rede pública de Manaus. Mestranda do PPGE-UFAM, Manaus. E-mail: [leicianeseabra.br@gmail.com](mailto:leicianeseabra.br@gmail.com), Brasil, Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8757-9273>

<sup>4</sup> Mestrando no programa de Pós-graduação de Ensino de Ciências e Humanidades-UFAM. [Baldeussuane079@gmail.com](mailto:Baldeussuane079@gmail.com). Guiné Bissau, Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0009-0226>

<sup>5</sup> Gilvânia Plácido Braule. Pedagogia, Doutora em Educação na Amazônia, UFOPA. Professora Dedicada exclusiva, na Universidade Federal do Amazonas, Campus de Benjamin Constant, Instituto Natureza e Cultura. E-mail: [gilvania@ufam.edu.br](mailto:gilvania@ufam.edu.br), Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0261-7077>

<sup>6</sup> Doutor em Antropologia Social pela USP-SP, 2015. Docente da UniRovuma nos programas de graduação em antropologia, Sociologia e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia de desenvolvimento Comunitário. E-mail: [alonemaia13@gmail.com](mailto:alonemaia13@gmail.com). Moçambique. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3500-8235>

<sup>7</sup> Doutora em Psicopedagogia pela Universidade da Corunha, Espanha, 2004. Docente Universidade Federal do Amazonas, graduação e pós-graduação. E-mail: [suelyanam@ufam.edu.br](mailto:suelyanam@ufam.edu.br). Brasil. Orcid.: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>.

<sup>8</sup> Licenciada em Psicologia, Pedagogia e Educação Física. Pós Doutora em Psicologia pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) Doutora em Educação (Universidad Rovira i Virgili). Professora titular da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). E-mail: [brasileirotania@gmail.com](mailto:brasileirotania@gmail.com), Brasil. Orcid: 0000-0002-8423-4466

açai, jambu, babaçu, jatobá, sara tudo, crajiru, unha de gato, dentre outras entre os povos milenares do Amazonas estudados. Da análise da totalidade de informações aportadas pelas pesquisas podemos afirmar que as plantas medicinais documentadas podem integrar o currículo como conteúdo da área de ciências ancestrais, integrando materiais para uso didático pedagógico escolar pois se configura em saberes e fazeres práticos para manutenção da saúde. A modo de conclusão, destacamos que é relevante continuar pesquisas na área que documentem o tema, mantendo viva a conexão ancestral com as plantas medicinais, saberes e fazeres milenares dos povos em geral, valorizando seu papel como fonte de cura e bem-estar.

**Palavras-chave:** saberes e fazeres milenares ancestrais, consciência cultural, plantas medicinais, Amazonas (Brasil), Guiné Bissau (Gabu), Moçambique (Tete).

### ABSTRACT/ RESUMEN

In this article we record the importance of documenting traditional knowledge and practices of ancient people regarding the use of medicinal plants. Records uses and practices of medicinal plants in the contexts of Brazil (Amazonas), Guinea Bissau (Fulas, Gabu) and Mozambique (Tete) with the aim of expanding the supply of information organized in a scientific way associated with the use of medicinal plants in use in different geographic contexts, cultural history of the co-authors. To document the information provided in this text, we used the experiences and previous studies of the co-authors, dialoguing with specialized literature in the area. Among the medicinal plants in common use, we highlight: mango leaves in the case of Brazil, Guné Bissau and Mozambique. Copaíba, Andiroba, açai roots, jambu, babaçu, Jatoba among others among the ancient peoples of Amazonas. The root of the mulala, the leaves and seeds of the castor in Tete. From the analysis of the totality of information provided by the research, we can state that documented medicinal plants can integrate the curriculum as content in the area of ancestral sciences, integrating materials for school pedagogical didactic use as it involves knowledge and practical actions to maintain health. In conclusion, we highlight that it is important to continue research that documents the topic, keeping the ancestral connection with medicinal plants alive, valuing their role as a source of healing and well-being.

**Keywords:** ancient ancient knowledge and practices, cultural awareness, medicinal plants, Amazonas (Brazil), Guinea Bissau (Gabu), Mozambique (Tete).

### INTRODUÇÃO

No entrelaces das narrativas históricas, observamos como diferentes sociedades se desenvolveram, moldando suas formas de vida para atender às necessidades essenciais, fundamentais para sua perpetuação e identidade cultural. Essa dinâmica reflete a diversidade intrínseca das organizações sociais, cada uma impregnada por suas crenças e valores distintos.

Particularmente, ao voltarmos nosso olhar para comunidades originárias como a Aldeia Fronteira, do povo Munduruku, e a Aldeia Nova Esperança 2, do povo Pupÿkary, e registros autoetnográficos dos pesquisadores junto a comunidades das culturas Karapãna, Tikuna e Kokama (Brasil) Guiné Bissau (Fulas, Gabu) e Moçambique –Tete (Dema e Nyungwe) em uma perspectiva comparada. Constatamos uma rica tradição milenar no uso de plantas medicinais. Essa prática não apenas atende a suas necessidades de saúde, mas também reafirma a riqueza de seus saberes e fazeres ancestrais e a relação profunda que mantêm com a natureza.

À vista disso, a capacidade de adaptação dessas comunidades revela uma flexibilidade comportamental significativa, uma característica não puramente instintiva, mas profundamente enraizada em um contexto cultural e social que favorece a aprendizagem e a transmissão de saberes e fazeres milenares. Cole e Scribner (1974), em suas reflexões sobre as bases culturais da aprendizagem, enfatizam que o desenvolvimento individual na qual é decisivamente moldado por influências socioculturais e interdependência entre indivíduo e sociedade.

Portanto, o uso de plantas medicinais pelos povos das culturas mencionadas transcende a simples aplicação terapêutica, manifestando-se como uma rica expressão cultural. Este fenômeno destaca como as normas, valores e práticas culturais são essenciais na moldagem contínua da identidade dos indivíduos dentro de suas comunidades. Nessa perspectiva Krenak (2019) ressalta que a sociedade e a cultura não apenas fornecem os meios necessários para o desenvolvimento pessoal, mas também criam um espaço de interação que possibilita a transformação dos indivíduos por meio do contato com outros membros da comunidade, instituições sociais e práticas culturais. Essas interações permitem a aquisição de novos conhecimentos, habilidades e perspectivas que são vitais para o crescimento individual e coletivo.

Para entender essas mudanças individuais, é crucial reconhecer o impacto significativo da sociedade e da cultura na vida das pessoas. Isso é particularmente evidente no contexto da Aldeia Fronteira, do Povo Munduruku (situado em Borba, Amazonas, Brasil) e da Aldeia Nova Esperança 2, do Povo Pupÿkary (localizada na terra indígena do Caititu, na BR 230, Km 3, na cidade de Lábrea, Amazonas, Brasil), bem como em comunidades dos povos Karapãna, Tikuna e Kokama, Guiné Bissau (Fulas, Gabu) e Moçambique –Tete (Dema e Nyungwe) documentados nessa iniciativa em uma perspectiva comparada.

. Nessas comunidades, o uso de recursos vegetais vai além de simplesmente atender às necessidades de saúde; ele também fortalece as conexões com o ambiente natural e cultural.

Assim, este estudo tem como objetivo abordar as diversas formas de utilização das plantas medicinais por esses povos, bem como compreender a importância dessas práticas na manutenção da saúde e bem-estar das comunidades a fim de responder à problemática de como esses saberes e fazeres tradicionais contribuem para a resiliência e a sustentabilidade ambiental das comunidades originárias. Exploraremos também as interações dessas práticas com os desafios modernos de conservação e desenvolvimento, procurando entender como a tradição

milênar e a modernidade podem coexistir de maneira sustentável e benéfica para essas populações.

Neste cenário, Cole e Scribner (1974), aborda a etnobotânica como uma ferramenta vital para entender como as práticas culturais e os conhecimentos tradicionais estão interligados ao ambiente natural. Este destaque da etnobotânica permite não apenas documentar a relação simbiótica entre as comunidades originárias e suas plantas medicinais, mas também analisar a influência recíproca entre a cultura humana e a biodiversidade. Essa abordagem proporciona insights fundamentais sobre a conservação ambiental, o desenvolvimento sustentável e a valorização do saber ancestral, destacando a importância de preservar esses conhecimentos para a manutenção da diversidade cultural e biológica global.

Diante desse contexto, Carvalho e Carvalho (2022) destacam a ressonância dessas questões culturais ao longo das gerações e como elas fortalecem as comunidades originárias na defesa e preservação de suas terras e tradições. As autoras enfatizam a importância de reconhecer e valorizar os sistemas de conhecimento originário como elementos fundamentais na batalha contra a degradação ambiental e na promoção de práticas de desenvolvimento sustentável. Essa valorização não apenas protege o meio ambiente, mas também assegura a continuidade e o respeito à diversidade cultural.

Além disso, destacar a integração da sabedoria ancestral com estratégias contemporâneas de gestão ambiental, se possibilita criar um paradigma de conservação que honre tanto a diversidade cultural quanto a biodiversidade. Esta perspectiva enfatiza a importância de ouvir e aprender com as comunidades originárias, reconhecendo-as como guardiãs essenciais da biodiversidade e como protagonistas ativas na busca por soluções duradouras para os desafios atuais.

## **ENTRELAÇANDO SABERES: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE OS CONHECIMENTOS MILENARES E CIENTÍFICOS DA ETNOBOTÂNICA**

*Helly do Nascimento Brasil  
Alcioni da Silva Monteiro  
Suely Mascarenhas*

Para abordar adequadamente o conhecimento ancestral das sociedades originárias frente aos seus conhecimentos medicinais, é crucial analisar as interações entre seus rituais e crenças e os respectivos modos de vida, considerando especialmente a inserção desses povos em

ambientes acadêmicos. Os saberes e fazeres tradicionais, gerados nas comunidades, e os aportes científicos, produzidos nas universidades, embora pareçam distintos, têm se entrelaçado cada vez mais ao longo do tempo. Esta interação enriqueceu ambos os campos, permitindo trocas de informações, materiais e saberes.

O diálogo entre os saberes e fazeres tradicionais, cultivados nas comunidades originárias e os conhecimentos científicos, desenvolvidos em universidades, revela uma intersecção crescente e enriquecedora. Essa fusão não só aproxima esses dois mundos aparentemente distintos, mas também propicia uma valiosa troca de informações, técnicas e saberes, beneficiando ambos os domínios.

Refletindo sobre essas dinâmicas de conhecimento, Cunha (2017) ressalta que as sociedades não-indígenas têm avançado no desenvolvimento tecnológico e na criação de novas formas de socialização e investigação científica. Paralelamente, os povos originários têm trilhado um caminho que aprofunda sua conexão ancestral com o espaço original e o universo, não se limitando à produção de objetos, mas, mais profundamente, estabelecendo relações respeitadas e integrativas com todos os seres e elementos da natureza. Este enfoque nos permite compreender melhor não apenas a singularidade das tradições originárias, mas também o potencial de sua integração respeitosa e equitativa ao conhecimento acadêmico geral.

Para Krenak (2019) a sabedoria tradicional e a ciência moderna abordam o mundo de maneiras diferentes. A ciência ocidental, por exemplo, ainda luta para encontrar soluções para problemas que ela mesma muitas vezes cria, como a devastação ambiental e a desigualdade social. Por outro lado, o saber tradicional possui acessos únicos a práticas que a ciência muitas vezes deseja, destacando-se em áreas como a medicina natural, que atraem grande interesse das indústrias farmacêuticas.

A distinção entre esses tipos de conhecimento revela desequilíbrios significativos, especialmente na valorização dos saberes tradicionais em comparação com os científicos. Dessa forma, as diferenças e conexões da dimensão cósmica da medicina tradicional dos povos Munduruku, Pupykary Karapãna, Tikuna e Kokama (Brasil), Guiné Bissau (Fulas, Gabu) e Moçambique –Tete (Dema e Nyungwe): em uma perspectiva comparada neste estudo contextualizados, é iluminada de forma análoga pelo legado dos pajés e curandeiros. As sabedorias medicinais representam um espaço vital onde seres da fauna e da flora coexistem harmoniosamente, funcionando como uma medicina viva.

Nesse contexto, a interação com o ambiente não envolve extração, mas um cuidado mútuo, a qual, os povos originários com sua cultura distinta, cuidam da floresta e seus seres, da mesma forma, a natureza cuida deles, ou seja, para Apurinã (2017) é como se a floresta precisasse dos seres humanos e os seres humanos precisassem da floresta como um ciclo de sustentabilidade e interdependência vital. Essa relação simbiótica não só preserva a biodiversidade, mas também reforça a identidade cultural e a resiliência ambiental dos povos originários.

Ao examinarmos diversas sociedades ao redor do mundo, percebemos uma rica diversidade de conhecimentos e culturas. Este é particularmente o caso das culturas Mundurucu e Pupykary, que desenvolvem suas próprias normas e práticas para garantir a sobrevivência e bem-estar de seus parentes.

A pesquisa conduzida ao abrigo do PPGE-UFAM, PPGECH-UFAM e com apoio da FAPEAM e CAPES, busca analisar e registrar os saberes ancestrais dos povos estudados, o que pode enriquecer o currículo escolar para a educação indígena específica e diferenciada, mas em consonância também com as necessidades e desafios enfrentados por estes povos no contexto atual. Assim, essa integração de saberes não apenas preserva tradições, mas também promove uma compreensão mais ampla e profunda dos valores culturais, contribuindo para o diálogo intercultural e a sustentabilidade ambiental dentro e fora das aldeias.

Neste cenário, Pereira (2017) enfatiza que a interação entre conhecimentos científicos e saberes tradicionais sobre plantas pode fomentar o desenvolvimento de práticas sustentáveis de manejo dos recursos naturais. Esta integração não só aprofunda o entendimento sobre a flora local, mas também valoriza a diversidade biológica e cultural. Povos por sua tradição guerreira, dedica-se à preservação de seu território ancestral. Simultaneamente cultiva uma profunda conexão espiritual com a terra, expressa através de rituais que reforçam a coesão comunitária e a transmissão de saberes ancestrais.

A valorização e a manutenção desses saberes tradicionais sobre plantas medicinais são cruciais não apenas para a saúde e bem-estar e viver das comunidades, mas também para a conservação da biodiversidade e a sustentabilidade ambiental. Essas práticas tradicionais, conforme Apurinã (2017), desempenham um papel fundamental na prevenção e tratamento de doenças, fortalecendo a resiliência da comunidade frente a desafios modernos e ambientais.

Por essa razão, incentivar e apoiar pesquisas na área da etnobotânica é crucial, como destaca Velthem (2000), não apenas para preservar a diversidade biológica e cultural, mas também para promover a sustentabilidade ambiental e respeitar os conhecimentos ancestrais

das populações originárias. Esta abordagem é reforçada por Cunha (2017), que enfatiza a importância da união entre o conhecimento científico e o saber tradicional para conservar espécies e ambientes, contribuindo para um futuro mais equilibrado e harmonioso para todas as formas de vida. Esta integração é fundamental não apenas para a conservação ambiental, mas também para enriquecer o currículo e a educação escolar indígena no Amazonas e outros contextos afins como no caso de Guiné Bissau e Moçambique que possuem cenários sociais afins ao do Brasil, com conteúdos curriculares significativos e relevantes para a autonomia e qualidade de vida dos seres reais, naturais, bio históricos culturais que somos e que podem integrar o currículo escolar em sentido amplo.

Históricos estudos como os de Prance (1986) e os insights de Alexiades (1996) demonstram a variedade extraordinária de plantas utilizadas pelas comunidades originárias na Amazônia, ressaltando a profundidade de seus conhecimentos e a importância das técnicas tradicionais. A etnobotânica serve como uma ferramenta essencial para entender a dinâmica das relações entre o homem, as plantas e o ambiente. Portanto, é essencial continuar incentivando e apoiando pesquisas nessa área para valorizar e preservar o conhecimento tradicional das comunidades locais, promover práticas sustentáveis de interação com o meio ambiente e garantir a proteção da biodiversidade e o bem-estar e bem viver das gerações presentes e futuras.

Em seguida apresentaremos as colaborações dos autores em suas respectivas área de pesquisas tendo recorrido à autoetnografia e registros próprios para elaboração dos textos.

## **Eu, a copaíba e a dor de dente**

*Helly do Nascimento Brasil*

Este texto documenta o uso de plantas medicinais na Aldeia Fronteira, situada na Terra Indígena Laranjal, no município de Borba, Amazonas. Eu, como membro do povo Munduruku (1º autor do texto), falo a língua Munduruku além do português e ressalto que a nossa conexão com a terra e a natureza é fundamental para nossa cultura e tradições, enfatizando a importância de preservar o ambiente e a biodiversidade amazônica.

Nossa terra, conhecida como Abya Yala pelos povos originários, que abrange desde o Alasca até a Patagônia, é um espaço de práticas tradicionais e rituais ancestrais. Aqui, o idioma e as tradições Munduruku são vividos diariamente, mantendo nossa identidade cultural e história. Frente a essa contextualização, Viveiros de Castro (2008), propôs acerca da

cosmologia originária, o perspectivismo ameríndio, na qual reconhece que todas as formas de vida têm perspectivas válidas sobre o mundo natural. Esta visão ajuda a entender nossa relação única com a natureza, considerando-a uma entidade viva.

É através desse perspectivismo a respeito do conhecimento do meu povo, que conseguimos valorizar e defender nossa visão do mundo como uma interconexão de todos os seres vivos, onde humanos, animais, plantas e elementos da terra compartilham um espaço comum de existência e respeito mútuo. Essa abordagem reforça a importância de uma convivência harmoniosa com o meio ambiente e impulsiona práticas sustentáveis que respeitam os ciclos naturais e a biodiversidade, contribuindo assim para a manutenção de nossas tradições e para a sobrevivência de nossa cultura ao longo das gerações.

Na cultura da Aldeia Fronteira Munduruku, as plantas medicinais são vistas como essenciais não apenas para a cura física, mas também espiritual. Velthem (2000) destaca que, para os Munduruku, essas plantas são presentes de seres sobrenaturais, refletindo sua profunda integração com a cosmologia indígena. Essas práticas, que abrangem desde o tratamento de problemas digestivos até doenças mais sérias, são estudadas e valorizadas não apenas por etnobotânicos e antropólogos, como também por instituições governamentais interessadas em preservar esse conhecimento.

Silva (2012) aponta que os Munduruku utilizam uma diversidade de plantas para tratar várias enfermidades, indicando a riqueza e complexidade do seu conhecimento tradicional. A valorização dessas práticas terapêuticas é vital para o reconhecimento e respeito às tradições milenares desses povos, como discutido amplamente no campo da etnobotânica.

Uma abordagem interdisciplinar é necessária para compreender plenamente a relevância dessas plantas na cultura Munduruku, considerando tanto os aspectos simbólicos quanto empíricos. Os esforços para documentar e entender as propriedades terapêuticas das plantas ajudam a garantir não apenas a saúde física dos indivíduos da aldeia, mas também a preservação da sua consciência cultural e espiritual.

### **Plantas medicinais utilizadas na medicina tradicional Munduruku**

Na medicina tradicional Munduruku, as plantas medicinais ocupam um papel central, sendo vistas como presentes dos seres sobrenaturais e atuando como agentes de cura no corpo físico e espiritual. Estrella (2001) e Velthem (2000) destacam que os estudos etnobotânicos



documentam a complexidade deste conhecimento, que inclui uma variedade de espécies vegetais para tratar diversas enfermidades a fim de manter o equilíbrio e a harmonia entre os mundos material e espiritual.

Essas práticas não apenas oferecem soluções terapêuticas eficazes, mas também reforçam a coesão social e a transmissão intergeracional de saberes. A compreensão detalhada e o respeito por esse conhecimento tradicional são essenciais para a preservação das práticas culturais e para a promoção de uma abordagem integrada e sustentável da saúde, que valoriza tanto a sabedoria ancestral quanto a biodiversidade local. Além disso, a valorização e a documentação desse saber são fundamentais para garantir a continuidade das tradições e a autonomia das comunidades indígenas em seus sistemas de saúde.

Acerca dessas questões, Silva (2012) evidencia algumas das principais plantas medicinais utilizadas pelos Munduruku nas quais incluem a Copaíba (*Copaifera* spp.). Costa (2020) ressalta que a árvore da Copaíba é valorizada por sua resina, que possui propriedades anti-inflamatórias e cicatrizantes. É tradicionalmente usada no tratamento de feridas, dores musculares, e também é conhecida por seu efeito aliviador em casos de dor de dente. A Copaíba é também explorada por suas propriedades antimicrobianas, tornando-a eficaz contra infecções e sendo cada vez mais reconhecida na medicina moderna por suas amplas aplicações.

Silva (2012) acentua também, o Cipó-titica (*Heteropsis flexuosa*), onde o mesmo revela que, no contexto xamânico Munduruku, o cipó-titica é considerado uma planta sagrada, usada para cura espiritual e proteção contra espíritos malignos. Essa planta é fundamental nos rituais de cura dos pajés Munduruku, onde é empregada para purificação da alma e busca de visões espirituais, ressaltando a conexão profunda entre as práticas xamânicas e o mundo natural.

Destarte Silva (2012) destaca a Japana (*Cordia curassavica*). Na qual Estrella (2001) evidencia que a planta da Japana é utilizada para uma variedade de tratamentos, incluindo como estimulante, tônico, adstringente e sudorífico. A infusão de suas folhas é popularmente usada para tratar tosses e dores de garganta, enquanto o óleo essencial extraído é empregado em aplicações farmacêuticas, perfumaria e cosméticos, demonstrando a versatilidade da japana tanto em contextos tradicionais quanto comerciais.

Assim, o conhecimento tradicional do povo Munduruku acerca das plantas medicinais desempenha um papel fundamental não apenas na manutenção da saúde física e espiritual de suas comunidades, mas também como um patrimônio cultural inestimável. Diante dessas questões, a documentação e valorização dessas práticas são essenciais para preservar a sabedoria ancestral e promover uma abordagem de saúde que integra sustentabilidade e

biodiversidade local. Além disso, reconhecer e fortalecer a identidade cultural dos povos originários promove a inclusão de conhecimentos valiosos no campo da medicina moderna, assegurando que futuras gerações continuem a se beneficiar desse legado milenar.

As principais doenças tratadas com plantas medicinais na Aldeia Fronteira

Na Aldeia Fronteira, o uso de plantas medicinais é uma prática fundamentada no conhecimento ancestral para tratar uma variedade de doenças, abrangendo desde problemas gastrointestinais até dores crônicas. Para o saber sobre as propriedades medicinais das plantas é essencial para a manutenção da saúde comunitária originária.

Nesses pressupostos, Silva (2012) e Estrella (2001) destacam a importância medicinal de várias plantas na abordagem de problemas gastrointestinais. Por exemplo, a casca da goiabinha verde é utilizada para tratar diarreias e cólicas abdominais, enquanto outras plantas são empregadas para facilitar a digestão. No tratamento de enfermidades respiratórias, como gripes, resfriados e tosse, chás de gengibre e outras ervas são comumente usados devido a suas propriedades terapêuticas.

Já em relação aos problemas dermatológicos, Silva (2012) e Queiroz e Costa (2015) observam que a resina de copaíba é altamente valorizada por suas propriedades cicatrizantes e anti-inflamatórias, sendo eficaz no tratamento de feridas e inflamações cutâneas. Além disso, para doenças urinárias, incluindo infecções e febres relacionadas, a planta jaborandi é frequentemente recomendada, graças às suas eficazes propriedades medicinais.

Além disso, Silva (2012) sublinha que, para aliviar problemas musculares e dores crônicas, diversas plantas com propriedades analgésicas e anti-inflamatórias são aplicadas, demonstrando o amplo espectro de uso e a importância dessas plantas na medicina tradicional da aldeia. A relação entre os moradores da Aldeia Fronteira e as plantas medicinais enfatiza a relevância de preservar esse conhecimento para promover a saúde e o bem-estar da comunidade, garantindo o uso sustentável desses recursos naturais.

### **O uso e a transmissão dos saberes e fazeres sobre plantas medicinais na Aldeia Fronteira**

Na Aldeia Fronteira, a transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais é um processo culturalmente valioso e diversificado. Esse conhecimento, transmitido oralmente de geração em geração através de ensinamentos e práticas observacionais, é guardado e ensinado

pelos pajés, que são vistos como os guardiões do conhecimento ancestral. Eles desempenham um papel crucial, compartilhando suas habilidades em rituais, cerimônias e conversas informais dentro da comunidade.

Sobre isso, Velthem (2000) argumenta que esses saberes culturais interpretados na sociedade não originária como conhecimento etnobotânico, não apenas demonstra uma compreensão biológica das plantas, mas também reflete uma complexa relação cultural e espiritual que é central para a identidade e sustentabilidade da comunidade. Essa perspectiva não é apenas técnica; ela engloba uma visão de mundo que valoriza profundamente a interconexão entre pessoas e meio ambiente, ressaltando a importância dos pajés como portadores e transmissores dessas tradições.

Em consonância, Silva (2012) complementa proferindo que, a transmissão de conhecimento acontece também através da troca de experiências intergeracionais e da observação direta da natureza, sendo essencial para o aprendizado sobre as plantas medicinais. Dessa forma, os jovens são incentivados a acompanhar os mais experientes em expedições pela floresta, aprendendo a identificar as espécies vegetais e suas propriedades curativas. Além disso, essa transmissão de conhecimento inclui valores culturais relacionados à preservação ambiental e ao respeito pela natureza.

Na sociedade originária atual, essas práticas são mantidas vivas não só pela transmissão de conhecimento, mas também por políticas comunitárias e colaborações com organizações externas, que ajudam a preservar e promover o uso sustentável das plantas medicinais. A cosmovisão Munduruku enfatiza uma relação equilibrada com a natureza, valorizando as plantas como fontes de cura e bem-estar.

Isto posto, Pereira (2017) destaca que a continuidade desses saberes está intrinsecamente ligada ao estilo de vida da comunidade, que deve ser respeitado e protegido. Todavia, essas iniciativas locais têm estabelecido regras para o manejo adequado das espécies vegetais, garantindo assim, que o uso das plantas medicinais não cause impactos negativos ao ecossistema local. Essas medidas ajudam a proteger tanto o conhecimento tradicional quanto o meio ambiente, assegurando que as práticas de cura e os rituais espirituais continuem a beneficiar gerações futuras.

## A importância das plantas medicinais da cultura do Povo Pupÿkary sob a ótica do professor bilíngue João Pupÿkary (Lábrea, Amazonas, Brasil)

*Alcioni da Silva Monteiro*

A importância das plantas medicinais na cultura do povo Pupÿkary é profundamente reconhecida e articulada pelo professor bilíngue João Pupÿkary. Isso ocorre porque, além de serem fundamentais para a saúde física, essas plantas são cruciais para a manutenção das tradições e da identidade cultural do povo originário.

Sob essa ótica, seu João Pupÿkary enfatiza frente ao contexto das tradições do povo Pupÿkary, que o conhecimento sobre as propriedades e usos das plantas medicinais transcende a compreensão humana convencional. Pois essa sabedoria milenar não apenas reforça os laços comunitários e a conexão com a natureza, mas também sublinha a importância das plantas medicinais como fundamentos de sustentabilidade e pilares de resistência cultural frente às pressões da modernização e influências externas. Através das palavras de seu João Pupÿkary<sup>2</sup>, é possível perceber a profunda reverência e o papel vital que essas práticas ocupam na preservação da identidade e da autonomia de seu povo.

**Seu João Pupÿkary (2024).** *Sou professor há 25 anos e, durante esse tempo, passei 19 anos trabalhando nas áreas rurais e indígenas, e hoje, nesses últimos 6 anos, estou trabalhando como professor bilíngue do povo Apurinã. Moro tanto na cidade quanto na aldeia. Quando não estou trabalhando, fico na minha aldeia Nova Esperança 2, que fica na Terra Indígena do Caititu, no km 3 da BR 230 em Lábrea. Para o meu povo, a medicina tradicional é muito importante e faz parte da nossa cultura. Para o meu povo, a medicina tradicional é algo sagrada e necessária e que faz parte da nossa forma de viver, portanto, faz parte de nós. Pois bem, quando se fala da medicina tradicional, entendemos que se fala dos nossos atos de cura onde era transmitido pelos os mais velhos pelo o ato de conversa. Assim é a nossa medicina. Essa medicina que usamos vem do conhecimento dos nossos antepassados. Eles sabiam muito sobre as plantas, os animais, a terra e a água, e usavam tudo isso para cuidar da saúde do nosso povo. Para nós, tudo na natureza pode ser usado para ajudar na cura, pois acreditamos que tudo faz parte da natureza e tudo que há nela, aprendemos e praticamos essa ideia desde que nascemos, assim como vocês estudam várias coisas para fazer remédios. Assim, é em nossa cultura. Nós também estudamos, mas de uma forma diferente. Aprendemos a observar e respeitar o que os mais velhos nos dizem. Dessa forma, usamos em nossa medicina, plantas diversas da floresta, seja para fazer chás ou remédios. Em nossas tradições, a gente tem um tipo especial de médico, chamado de pajé, que conhece muito sobre essas plantas e sobre como usar o poder dos espíritos da floresta para ajudar ou não as pessoas. Meu avô dizia que esses pajés eram como médicos que podiam não só curar como também proteger nosso povo com seus conhecimentos. Além desse médico especial que chamamos de pajé, tinha também, outro tipo de pajé ou curandeiro. Enquanto um deles se dedicava à medicina tradicional para ajudar as pessoas, com o uso das plantas para fazer chás, banhos e rezas tinha um outro que trabalhava para realizar coisas ruins. Os dois tipos de pajé tinham o conhecimento das ervas, e também,*

<sup>2</sup> Para esta entrevista, foram seguidos todos os procedimentos apropriados conforme a aprovação do Comitê de Ética. Igualmente, para a utilização do nome de Seu João, todos os procedimentos necessários foram cumpridos, incluindo a obtenção do seu consentimento por meio de um documento assinado que autoriza o uso de seu nome.

*se apropriavam da energia dos espíritos e da floresta, utilizando poderes xamânicos tanto para bem quanto para o mal. Meu avô sempre contava que esses pajés podiam incorporar poderes místicos das pedras e ele dizia também, que essa conexão com os espíritos e a floresta era essencial para entender as forças da natureza e ajudar as pessoas de formas que iam além das curas físicas. O que entendemos é que essas sabedorias muitas vezes, transcendiam a nossa compreensão, pois tudo está ligado com o mundo dos espíritos da floresta e tudo que existe no mundo.*

Diante dessas contextualizações, Apurinã (2017) ressalta a importância do pajé na cultura do povo Pupÿkary (Apurinã), destacando sua função essencial não só na condução dos rituais sagrados, mas também na preparação de remédios a partir de ervas medicinais. Este papel do pajé é profundamente respeitado dentro da comunidade, pois ele é visto como o guardião do conhecimento sagrado e dos rituais que definem a cultura Pupÿkary. O xamanismo é intrínseco a essa cultura, estando interligado com todos os aspectos socioculturais do povo, não podendo ser separado de suas crenças, práticas de cura, espiritualidade e língua.

Apurinã (2017) destaca ainda que a morte ou afastamento de um pajé pode causar um grande desequilíbrio na aldeia, evidenciando o papel crucial deste líder espiritual e físico na manutenção da harmonia e resistência cultural da terra. O pajé é, portanto, uma base central a qual tem como responsabilidade, manter a ordem e proteger a comunidade contra qualquer ameaça que possa acontecer.

Este entendimento sobre o papel dos pajés e o profundo respeito pelos seres espirituais é um ponto em comum entre os povos Pupÿkary e Munduruku. Pois ambos compartilham a visão de um mundo em que diversas entidades cósmicas coexistem, com o pajé desempenhando um papel fundamental em mediar e harmonizar as relações dentro desse cosmos, reforçando alianças e amenizando conflitos para assegurar o bem-estar e a continuidade social do grupo. No caso dos Pupÿkary, o pajé é visto como a fonte principal de conhecimento medicinal, sendo fundamental para o fortalecimento cultural de seu povo.

## **Do Uaupés ao Rio Negro (Manaus): Medicina ancestral Karapãna**

*Leiciane Seabra*

Este estudo pretende relatar as vivências ancestrais com o uso de plantas da medicina tradicional dos povos indígenas que vivem no município de Manaus. Para melhor explicitar a pesquisa do ponto de vista geográfico, utilizar-se-á como referência demográfica e de território, os rios localizados próximos a Cidade de Manaus, a citar o Rio Tarumã-Açu e o Rio Negro, pois são as margens dos rios que habitam as populações indígenas do contexto desta pesquisa.

A partir dos estudos de fontes bibliográficas, observação participante e dos relatos dos indígenas da etnia Karapãna, pretende-se construir conteúdos sobre os saberes da medicina tradicional, levando em consideração os aspectos culturais e religiosos.

Os Karapãna, que habitam o Município de Manaus, são descendentes do Tuxaua Manuel Paulino Karapãna, sendo um de seus filhos, Joilson Karapãna, residente na Cidade de Manaus, bairro Parque das Tribos, Maria Alice Karapãna, no bairro Tarumã-Açu, bairro que tem o mesmo nome do rio que banha a Aldeia Recanto Yupirungá, Marilda Karapãna que reside na Vila Santa Maria do Rio Tarumã-Açu.

O Povo Karapãna são habitante originários do Rio Uaupés, também conhecido como Caiari, rio que serve de fronteira entre Brasil e Colômbia. No Brasil, os Karapãna, se encontram dispersos em alguns povoados do Tiquié, um dos afluentes do Rio Uaupés. O rio Tiquié, que tem nascente na Colômbia, possui 374 quilômetros de curso de água, localiza-se a noroeste do Estado do Amazonas.

Figura 1: Mapa do rio Tiquié no noroeste amazônico



Fonte: <https://www.researchgate.net/> (Acesso em 2024)

Habitam também o Rio Negro, um dos maiores afluentes da margem esquerda do rio Amazonas. Este rio possui sua nascente na Colômbia, ao passar pela cidade de Manaus, une-se ao Rio Solimões, formando o Rio Amazonas.

A habitação as margens dos rios representam a estreita relação com os recursos que os rios oferecem, representando sua fonte de sobrevivência econômica e social, pois é através deste que os povos indígenas estabelecem suas relações de troca. Os rios representam não só o acesso dessas populações ao território, como também o desenvolvimento de suas relações econômicas como a pesca, o plantio e manejo de diversas espécies, desde árvores frutíferas a plantas medicinais. Também é o espaço de lazer das famílias indígenas.

Figura 2: Praia Kurasí, Aledia Yupirungá, banhada pelo Rio Tarumã-Acú e Rio Negro



Fonte: Base de dados parciais, pesquisa PPGE, UFAM. Seabra, 2024.

A trajetória da família do Tuxaua Manuel Paulino Karapãna tem início no Alto Rio Negro na cabeceira do Rio Caiari. Após trabalhar na Funai, em diversos municípios, se estabeleceu no Rio Cueiras, onde tinha parentes.

O Rio Cuieiras é um afluente do Rio Negro, localizado em sua margem esquerda, a 50 quilômetros de Manaus/AM. Segundo Leonardo Kurihara et al (2014), este rio possui uma população de aproximadamente 96 famílias, que se distribuem em seis comunidades indígenas: Três Unidos, Nova Esperança, Boa Esperança, Barreirinha, Terra Preta e São Tomé. Estas são marcadas pela diversidade étnica, com a presença das etnias Kokama, Baniwa, Tukano, Tikuna, Mura, Baré, Sateré-Mawé e Karapãna. (Fundação Fio Cruz/ENSP)

Permaneceram na aldeia Kuanã, comunidade Canaã, rio Cuieiras, onde seu Manuel Paulino Karapãna se tornou Tuxaua. Nesse espaço temporal, os indígenas das diversas etnias se organizaram em busca da demarcação de terras.

Figura 3: Manuel Paulino, tuxaua Karapãna



Fonte: Santos, 2012.

Posteriormente vieram para o Tarumã, zona rural de Manaus, se estabeleceram as margens do Rio Tarumã-Açu (afluente do Rio Negro). Neste espaço, construíram o Recanto Yupirungá Karapãna. O tuxaua Paulino e Dona Otília criaram seus filhos, construíram também espaço de memórias coletivas, ao longo de sua vivência como O Museu de Memórias Ancestrais, espaço destinado as memórias afetivas, culturais e religiosas da etnia Karapãna. Neste espaço encontram-se teçumes, urnas funerárias, pedras de teor religiosos, assim como artefatos utilizados em cerimônias e celebrações como instrumentos musicais e indumentárias.

Figura 4: Vista aérea da Aldeia Recanto Yupirungá Karapãna e do Rio Tarumã-Açu



Fonte: Google Earth, 2024.

Segundo os relatos de Maria Alice, este território, era uma área de mata virgem, que posteriormente se tornou alvo de grileiros e grandes empresários, por ser uma área cortada por rios e ter muitas praias próximas.

Atualmente as comunidades indígenas se organizam em 3 associações: Karapanã-Assika, Associação de Moradores do Sol Nascente e Sol Poente do Tarumã. As Associações lutam por de direitos como a demarcação de terras, educação escolar indígena diferenciada e principalmente preservar os recursos naturais do território em que habitam, assim como os conhecimentos ancestrais de cada etnia.

### **Das rezas do pajé aos remédios do pusangueiro**

O desafio dos povos multiétnicos que habitam as regiões do Baixo Rio Negro, além das questões de demarcação de terra que para eles é uma questão de sobrevivência, também precisam apropriar-se do conhecimento do homem branco, sem dissociar-se de seus sabres tradicionais.



A apropriação do conhecimento para os povos indígenas reside em estabelecer uma relação dialógica entre os saberes tradicionais milenares e o conhecimento cientificamente sistematizado.

Segundo Maria Alice, o conhecimento das plantas e da medicina tradicional é uma herança ancestral, sendo também uma herança espiritual passada pelos entes das famílias indígenas de geração em geração. A herança ancestral perpassa a vida física, sendo uma herança espiritual, dons que são passados aos descendentes pelos seus ancestrais que passam a acompanhar e auxiliar os que estão em vida.

Na cosmovisão indígena Karapãna, o ser está conectado ao mundo natural e espiritual estabelecendo uma conexão. Assim, algumas doenças são tratadas não só com as plantas medicinais, mas também com orações, rezas e defumações. Segundo Joilson Paulino Karapãna, a cura não está só no mundo físico, compreende a conexão homem-fé-natureza.

Segundo o Centro Cultural do Ministério da Saúde (CCMS/Brasil), na cosmovisão de aproximadamente 220 povos indígenas, o pajé é quem exerce o poder sobre o conhecimento da medicina tradicional indígena. Esse termo genérico é utilizado para denominar um chefe religioso, este, segundo as diversas crenças dos povos indígenas brasileiros, domina as entidades não humanas como espíritos, animais, forças da natureza, entre outros.

Na cosmovisão Karapãna o pajé domina além do conhecimento das plantas o domínio dos quatro elementos: o fogo, a água, o ar e a terra. Além do pajé, há também o Pusanguero que é o que manipula os remédios, as ervas e plantas medicinais. A medicina tradicional exercida pelo Pusanguero, mestre curandeiro, detentor do conhecimento ancestral, compreende o conhecimento do mundo material e espiritual. Alguns nascem com esse propósito e não precisam ser ensinados, pois são ensinados pelos espíritos ancestrais, outros precisam de ensinamento e vão se aprimorando ao longo da vida.

Os detentores desse conhecimento eram o patriarca da família, o tuxaua Paulino Karapãna e a matriarca Otília, que detinham um grande conhecimento das plantas medicinais. Alguns ensinamentos básicos foram ensinados aos seus descendentes. Outra parte não se teve conhecimento, pois ambos já faleceram, Dona Otília faleceu em 2012 na Aldeia Kuanã, Rio Cuieiras e o Tuxaua Manuel Karapãna, faleceu em 2019, vítima da COVID-19.

Maria Alice e Joilson Karapãna relatam que o pai não ensinou todos os conhecimentos sobre as plantas medicinais em vida, mas acreditam que ele passou esse dom ancestral para um de seus descendentes. Enquanto patriarca da família e Tuxaua ensinou remédios básicos para

cura e alívio de dores. Parte desse conhecimento misturou-se ao conhecimento dos povos indígenas de outras etnias com as quais convivem e compartilham seus saberes.

### **Berçário de Ervas Medicinais Heteragô: Processos de Revitalização e Socialização do conhecimento da medicina ancestral dos povos indígenas do Tarumã-Açu e do Baixo Rio Negro (Manaus)**

Um fator de impacto muito importante na medicina tradicional indígena são os benefícios de cura e prevenção de doenças que a diversidade de plantas do Contexto Amazônico apresenta. Segundo Maria Alice Karapãna, o conhecimento das plantas medicinais se divide de acordo com os biomas que a natureza amazônica apresenta. Há o conhecimento das plantas da várzea, da terra-firme e do igapó. Todos esses espaços têm sua própria diversidade e especificidade, sendo necessário tempo para aprender sobre as espécies de cada parte da floresta.

Um dos processos de preservação dos conhecimentos ancestrais consiste não só no ensinamento da manipulação das plantas medicinais, mas também na preservação de suas espécies.

A partir da necessidade em manter o conhecimento ancestral das plantas medicinais, as mulheres indígenas de várias etnias das comunidades indígenas do Tarumã-Açu e Rio Negro, se reuniram e promoveram uma ação para a construção de um Berçário de Plantas Medicinais.

O Berçário de Ervas Medicinais Heteragô, nome indígena da matriarca da família, Dona Otília, possui diversas espécies de plantas, algumas utilizadas em chás, outras em banhos e algumas que são comestíveis, todas possuem propriedades medicinais.

Figura 5: Berçário de Plantas Medicinais Heteragô



Fonte: Base de dados parciais, pesquisa PPGE, UFAM. Seabra, 2024.

Abaixo estão algumas plantas cultivadas no Berçário de Ervas Medicinais Heteragô:

**Sara-tudo (*Justicia calycina*):** Utiliza-se sua folha para a preparação de chá. Eficaz principalmente no tratamento de infecções. Seus ativos têm ação, antioxidantes e anti-inflamatórias.



Fonte: Base de dados parciais, pesquisa PPGE, UFAM. Seabra, 2024.

**Mucuracá (*Petiveria alliacea*):** Utilizada na preparação de remédio para verminoses. Sua folha também é utilizada como banho para espantar os maus-espíritos.



Fonte: Base de dados parciais, pesquisa PPGE, UFAM. Seabra, 2024.

**Crajirú (*Arrabidaea chica*):** Eficaz contra doenças do fígado, anemia e leucemia e infecções no útero, também anemia e limpeza do útero. Suas folhas podem ser utilizadas como chá ou como banho-de-assento nos casos de inflamação de origem uterina.



Fonte: Base de dados parciais, pesquisa PPGE, UFAM. Seabra, 2024.

**Copaíba (*Copaifera langsdorffii*):** O óleo extraído da copaíba é um importante remédio da medicina tradicional, possui propriedades anti-inflamatórias, diuréticas e antissépticas.



Fonte: Base de dados parciais, pesquisa PPGE, UFAM. Seabra, 2024.

**Cipó-alho (*Mansoa alliacea*):** Na medicina tradicional, suas folhas e o próprio cipó, são utilizados como chá. Na culinária suas folhas podem ser utilizadas na comida como tempero. Possui propriedades anti-inflamatórias, sendo utilizada no tratamento de gripes e resfriados.



Fonte: Base de dados parciais, pesquisa PPGE, UFAM. Seabra, 2024.

**Coirama (*Kalanchoe brasiliensis*):** Utilizada no tratamento de gastrite e câncer no estômago. A folha é assada no forno, o sumo (extrato vegetal) é retirado e utilizado no tratamento de gastrite e câncer no estômago.



Fonte: Base de dados parciais, pesquisa PPGE, UFAM. Seabra, 2024.

A riqueza das gerações milenares ancestrais compreende os recursos que a natureza oferece, dela tiram seu sustento, seus utensílios e a cura para suas doenças. As plantas medicinais utilizadas pelos indígenas do Baixo Rio Negro (Manaus) fazem parte do conhecimento dos povos ancestrais que vivenciam a vida a partir do contato com a floresta, dela tiram o alimento e a cura para o corpo.

A socialização dos saberes da medicina tradicional entre as diversas etnias do Baixo Rio Negro (Manaus), propulsiona um espaço de trocas e de socialização entre os diversos povos indígenas e também não indígenas. O Berçário de Plantas Medicinais Heteragô, têm um significado importante para as populações locais, pois remete o cuidado com o coletivo, com a ideia de pertencimento e principalmente com a preservação de um conhecimento que não serve só para o indígena, serve para todos os povos.

## **Medicina Milenar e Transfronteiriça: relatando experiências de escuta e aprendizagem de saberes Tikuna e Kokama em Benjamin Constant – Amazonas (Brasil)**

Gilvânia Plácido Braule

Tânia Suely Azevedo Brasileiro

Na região pan-amazônica de fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia na microrregião do Alto Solimões povos originários que a habitam consideram o território não somente geopolítico, mas sobretudo cultural e significativo para o bem-viver numa Amazônia transnacional, multi e intercultural. Na fronteira Brasil e Peru, com limites naturais do Rio Javari afluente do Rio Solimões, no município de Benjamin Constant duas etnias indígenas se destacam em população e cultura diferenciada com preservação de saberes do bem-viver: a Tikuna e a Kokama.

Os Tikunas historicamente conhecidos como um povo que fugiu do conflito adentrando a floresta desconhecida pelos colonizadores conseguiram preservar a língua e muitos dos seus saberes de como lidar e sobreviver em meio a natureza. Os Kokamas originários do território nacional peruano chegaram até essa região por diversos motivos, um deles o afastamento de conflitos com colonizadores e foram habitando essa longínqua e rica região em sociobiodiversidade, uma vez que nela existiam povos que segundo a mitologia indígena nasceram neste território nacional brasileiro<sup>3</sup> e para a cultura originária no seu território étnico.

Nesse contexto, no decorrer da vida amazônica, os saberes quanto ao uso de plantas medicinais são construídos cotidianamente pela forma própria de educação da família, no contato comunitário e social e nas atividades profissionais docentes e de pesquisa, possibilitaram conhecer e vivenciar com experiências exitosas o uso de plantas medicinais no tratamento de saúde com chás, xaropes e banhos matinais.

Tanto os Tikunas quanto os Kokamas, construíram seus saberes e fazeres milenares de cuidados com a saúde com a utilização das plantas utilizando cascas de árvores, óleos, folhas, caules e raízes. Uma das cascas utilizadas é a do Jatobá, de nome científico *Hymenaea courbaril*, esta fervida em chá ou xarope ajuda no tratamento da tosse, bronquite e pneumonia. O caule do cipó unha de gato (*Uncaria tomentosa*) é utilizado no tratamento de inflamações uterinas, bem como a folha do Crajiru e o Sara-tudo. Observamos que estas estão

---

<sup>3</sup> Terra Sagrada do Eware, segundo a mitologia tikuna, onde nasceu o povo desta etnia localizada na comunidade de Santa Inês no município de São Paulo de Olivença – AM.

em todo território amazônico à margem de diversos rios e não são utilizadas somente pelos Tikunas e Kokamas dessa região, mas também por outros povos originários e miscigenados, são saberes proliferados milenarmente que foram sendo construídos por diferentes civilizações e perduram até os dias atuais.

Além destes, os óleos retirados das árvores de Copaíba e Andiroba são utilizados de diversas formas e para muitas inflamações internas e externas no corpo humano. Estes óleos são considerados essenciais na cura de doenças diversas das pequenas feridas até o câncer. Neste tratamento também se utilizam as raízes de mangarataia (nome regional) ou gengibre (nome em outras regiões) de nome científico *Zingiber officinale*, também é utilizado o açafrão (*Curcuma longa*) ou “açafroa” como é comumente denominado por estes povos. Essas raízes são utilizadas em chás e xaropes que ajudam também no tratamento de infecção pulmonar e melhoria da imunidade. O açafrão é utilizado também na culinária.

Os saberes sobre a utilização das plantas medicinais foram ao longo da história destas civilizações milenares sendo validados. Os indígenas os consideram verdadeiros e continuam aplicando como prevenção e tratamento de saúde e socializando com outras culturas. Desse modo, a ciência indígena dos povos originários tikuna e kokama foram se comprovando e sendo ensinadas em meio a cada povo e entre os povos.

Uma das plantas utilizadas para tratamento de saúde do sistema digestivo é a planta elixir parigórico ou pimenta longa, de nome científico *Ocimum Seloï Benth.* O chá alivia dores e desinflama estômago e intestino. A planta quebra-pedra, cientificamente denominada de *Phyllanthus niruri*, ajuda no tratamento do sistema urinário aliviando dores e inflamações incluindo a expelição de pedra dos rins.

Figura 05 - Planta Elixir Parigórico



Figura 06 - Planta Quebra-pedra



Fonte: Braule (2024).

Figura 07 – Planta Mucuracá Macho



Figura 07 – Planta Mucuracá Fêmea



Fonte: Braule (2024).

Uma das plantas utilizadas é a mucuracá ou mucuracaá (nome designado em outras regiões), nome popular da planta que tem como nome científico *Petiveria alliacea*. Essa planta tem duas espécies que são conhecidas como macho e fêmea é utilizada para banhos matinais no tratamento da gripe e de outros vírus. Durante a pandemia da Covid-19 os indígenas utilizaram o banho do mucuracá para aliviar as dores de cabeça e dores no corpo causadas pelas infecções.

Santos e Santos (2024) em seus estudos sobre plantas medicinais indígenas afirmam a importância de se conhecer as propriedades das ervas medicinais como alternativa de tratamento natural de saúde e ressaltam os benefícios destas plantas medicinais para tratar diversas doenças de forma natural, além da acessibilidade, uma vez que podem tê-las plantadas em ambientes domésticos.

Sabemos que as plantas medicinais são essenciais para o fortalecimento do ecossistema incluindo suas contribuições para vida humana. O ser humano como um ser biohistóricocultural, um ser da natureza, necessita das plantas que tem os seus nutrientes como fontes de cura de saúde e alimentação que ajuda tanto a prevenir quanto a tratar diferentes enfermidades que assolam a humanidade.

Conhecer os saberes e fazeres dos povos originários sobre as plantas medicinais acumulados no decorrer de milhares de anos e que tem como meio de ensinamento a oralidade é relevante para ciência no século XXI em tempos de necessidades de cura para muitas doenças que vem se proliferando. Estamos em tempos que as diferentes ciências devem ser reconhecidas e valorizadas, dentre elas a Ciência Indígena Milenar, que se consolida em suas experimentações históricas no uso de plantas que tem o poder da cura de enfermidades.



## Uso de plantas medicinais na cultura Fula, Guiné-Bissau

*Ussumane Baldé*

O continente africano é um dos lugares onde a medicina tradicional é mais usada. Isso tem a ver com a grande biodiversidade existente nas florestais tropicais, os mangais, as savanas e os tipos de clima nesse continente permitiram as populações viventes nessas zonas a ter oportunidade de conhecer variedades de plantas, isso resultou no conhecimento de plantas que servem para uso medicinal através dos saberes e conhecimentos herdados pelos ancestrais por via oral e seguramente essa tradição irá continuar a milhões de anos.

A Guiné-Bissau é um país africano situado na costa ocidental da África faz fronteira no Norte e Leste com República do Senegal e Leste e Sul com República da Guiné Conacri, ela tornou-se um país independente desde 24 de setembro de ano 1973, tem cidade de Bissau como a sua capital.

A Guiné-Bissau sendo um país africano tem uma riqueza tradicional muito diversificada sobretudo na área da medicina tradicional ou o uso de plantas medicinais/terapêuticas provenientes dos saberes tradicionais das populações originárias e práticas milenares ancestrais transmitidas por via oral de geração e a geração. O tipo de solos e clima favorece que houvesse uma gama ou variedade de plantas com propriedade medicinal/terapêutica.

A população guineense observa todos os traços tradicionais como a maioria dos restantes povos da África negra, como anteriormente que a população africana desde primórdios tem uma inabalável na medicina tradicional com bases nas plantas. A população guineense também por sua vez preserva essa crença na medicina tradicional com unhas e dentes como restantes povos africanos. A medicina tradicional tem desempenhada um papel preponderante na Guiné-Bissau, principalmente na saúde de população que vive no interior do país onde a maior parte dessa população não possui meios econômicos de ir fazer tratamento nos centros de saúde ou hospitais regionais que também carecem de tudo que for necessário.

A Guiné-Bissau, fazendo parte de um dos países com maior fragilidade financeira no mundo ocidental, sua população tem-se baseado muito na medicina tradicional para combaterem qualquer enfermidade/doença. De acordo com Silva (2014, p.20) a população “[...] tem uma cultura na medicina tradicional muito vasta e enraizada, desempenhando o curandeiro o papel de especialista em plantas medicinais”. Pois, o Estado não possui condições para alargar o sistema de saúde a nível de todo território nacional. Apesar que a comunidade diocesana tem feito grande esforço para sincronizar a medicina tradicional para com as suas criatividade

médicas oficiais que desenvolvem nas áreas reservadas, eles promovem feiras médicas tradicionais e oficiais onde os produtores vendidos aí serão num preço acessível para todos.

Não podemos descartar a importância do uso das plantas medicinais especialmente na Guiné-Bissau, esse uso não tem tanto fundamento por muitas vezes não há indicação exata na dosagem e sua composição química, isso pode causar uma fatalidade para os consumidores se não cuidarem, porque muitos não sabem exatamente o que cada planta pode combater/curar no corpo doente resumem-se numa autêntica balbuciada “toma só vai ser curado” que nem sempre corresponde verdade. Segundo Silva (2014, p.21) “Um determinado número de plantas têm revelado, quando sujeitas a análises laboratoriais, possuir produtos naturais com propriedades curativas, tendo sido comprovada a sua atividade antibiótica e antifúngica”. Os estudos comprovam que algumas plantas contêm enorme toxicidade e gases se forem usadas demasiadamente por exemplo limão (Diniz e Martins, 2005), após esse tipo de uso pode causar outros problemas imprevisíveis tais como lesão no estômago e gastrite.

Muitas doenças são tratadas tradicionalmente na Guiné-Bissau tais como: tipos de febres, malária, problemas de tensão, problema bucal, anemia, queimaduras, picadas de víboras, tosse, problemas de masculinidade e esterilidade, envenenamentos, hepatite B, etc. Todas essas doenças são tratadas de forma tipicamente tradicional de acordo com os saberes de cada raça/etnia, com menor custo econômico. Segundo Indjai (2017, p.1)

As modalidades de utilização e os recursos naturais utilizados são reflexo da própria cultura tradicional de cada população e da sua interação com a natureza. O conhecimento é transmitido ao longo das gerações, frequentemente apenas de forma oral, e encontra-se ainda escassamente estudado e registrado em particular nas sociedades mais isoladas.

Assim sendo no Leste da Guiné-Bissau (Bafatá e Gabu), habitada majoritariamente pela etnia fula, essa etnia tendo raízes tipicamente africanas tem-se ligado tanto na práticas de medicina tradicional, apesar que essa província é ameaçada pela desertificação pois a maior parte da floresta dela é a savana e nela os anciões exploram muitas plantas para uso medicinal para combater muitas doenças, até muitas pessoas não acreditam ir ao hospital elas preferem um curandeiro para realizar tratamento de maneira tradicional.

Por isso, os curandeiros e praticantes da medicina tradicional são valorizados e respeitados pela comunidade em geral e essas pessoas ligadas a essas práticas têm um enorme conhecimento sobre uso das plantas medicinais. Seguem alguns exemplos de plantas medicinais do uso comum na Guiné-Bissau, cultura Fula.

**Cajueiro** (*Anacardium occidentale*): as suas folhas e cortiças são usadas para estancar diarreia e problemas respiratórios. A parte mais nova das suas folhas suas usadas para combater dores de barriga, foto 1.



**Foto 1:** Cajueiro, (*Anacardium occidentale*) arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 2024.

**Limoeiro** (*citrus limon*): as folhas e as frutas são usadas para tratamento de febre (constipação), combater dor da cabeça, problema de tontura, fotos 2 e 3.



**Fotos 2 e 3:** Limoeiro e limões, (*citrus limon*) arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 20242024.

**Moringa** (*Moringa oleífera*): as suas folhas e flores são usadas para tratamento de várias doenças por exemplo diabetes, tensão e gordura, etc. Atenção esta planta é uma das mais importantes em termos medicinais na Guiné-Bissau, cultura Fula, fotos 4 e 5.



**Foto 4 e 5:** Arbusto de Moringa, e folhas de moringa posta na garrafa, (*Moringa oleifera*) arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 2024.

**Acácia** (*acacia mangium*): as suas folhas são muito usadas como chá no tratamento de malária e fazer aborto antes da gravidez completar (2) dois meses de duração, foto 6.



**Foto 6:** acácia, (*acacia mangium*) arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 2024 2024.

**Kenkeliba** (*Combretum micranthum*): é uma planta medicinal as suas muito consumida como chá e é usada para tratar variedades febres e problemas de digestão, foto 7.



**Foto 7:** Kenkeliba, (*Combretum micranthum*) arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 2024.

**Gengibre** (*Zingiber officinale*): é misturado com alho e cebola para combater febre alta problemas de gases na barriga, foto 8 e 9.



**Fotos 8 e 9:** arbusto e raízes de Gengibre (*Zingiber officinale*), arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 2024.

**Quiabo** (*Abelmoschus esculentus*): os frutos de quiabo crus são usados para combater problemas de juntas, foto 10.



**Foto 10:** Quiabo (*Abelmoschus esculentus*), arquivo próprio, 2024.

**Cenoura** (*Daucus carota*): a cenoura crua é usada para combater problemas de vista, foto 11.



Foto 11: Cenoura (*Daucus carota*), arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 2024.

**Mangueira** (*Mangifera indica*): as folhas de mangueira são consumidas em forma de chá para combater tétano e as suas cortiças também são usadas para combater várias enfermidades.



Fotos 12 e 13: Mangueira (*Daucus carota*), arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 2024.

Tais como: malária, problemas respiratórios caso de bronquite, dores no estômago, problemas de saúde bucal mastigar a sua cortiça, e essa cortiça é usada para combater problemas de inchaço é aplicada na forma de cataplasma no local inflamado para baixar o inchaço e atenuar a dor, fotos 12 e 13.

**Papaieira** (*Carica papaya*): as suas folhas são usadas para combater febre alta e malária



Fotos 14 e 15: Papaieira (*Carica papaya*), mamão, arquivo próprio, pesquisa PPGECH-UFAM 2024.

É importante salientar que as plantas são mais usadas no tratamento de problemas intestinais, mas também são usadas ao combate de problemas de distúrbios neurológicose

mentais, por exemplo há escolas de medicina tradicional especificamente para tratamento de problemas neurológicos e mentais caso no Senegal, Gâmbia, Nigéria, Camorões e Guiné-Conacri esses países da África ocidental esses referidos problemas são tratados tipicamente pelas plantas. Segundo Romeiras et al.(2012, p.1030),

Para os países da África Ocidental considerados no nosso estudo, um total de 67 espécies de plantas, distribuídas por 55 gêneros e 32 famílias, foram relatadas como utilizadas para tratar doenças neurológicas e mentais. Destas, 54 são plantas lenhosas e 13 são ervas. A maioria das plantas lenhosas utilizadas são árvores e arbustos (29 e 13 espécies, respectivamente), mas também são utilizadas seis espécies de subarbustos e seis espécies de cipós e trepadeiras. Dentre as espécies herbáceas utilizadas oito são anuais e cinco são perenes. As famílias mais bem representadas são Fabaceae (18 espécies), Euphorbiaceae (7 espécies) e Apocynaceae (4 espécies).

A etnia fula tem uma variedade de alimentos mas gosta de consumir folhas, é por isso, os povos falantes desta língua são apelidados de fula de palha. Aliás o prato típico de fulas é *djambô*.<sup>i</sup>

Como foi registrado neste texto as plantas têm variadíssimas importâncias para o uso humano no mundo inteiro, em particular na Guiné-Bissau. Por isso, a Guiné-Bissau tem de enfrentar sérios desafios de preservar essas plantas. É preciso que haja políticas ambientais que defendem a vida dessas plantas para que a geração vindoura possa também usufruir dessas plantas medicinais. Não obstante que existem organizações ou redes que atuam nas pesquisas com o intuito de explorar o potencial medicinal das plantas na Guiné-Bissau, mas também essas pesquisas têm outras pretensões de descrever novos componentes bioativos que poderiam ser úteis na medicina moderna.

A medicina tradicional tem enfrentado dificuldades de ser formalizada, de conhecimento e posterior integração no sistema nacional de saúde moderno do país. Porém, há ainda oportunidade de o Estado guineense criar fórum onde a medicina tradicional e moderna possa ser integrada para enriquecer mais e inovar o sistema de saúde pública guineense.

Por outro lado, essas informações registradas nesse texto, podem compor o currículo escolar em sentido amplo, no sentido de reconhecer e incluir nos livros didáticos e paradidáticos aspectos reais, práticos de uso milenar por integrantes da Cultura Fula valorizando a importante contribuição dos saberes e fazeres milenares sobre uso medicinal de plantas, para boas práticas em saúde por parte dos que tiverem acesso às informações aportadas em todas as esferas sociais.

## Uso de plantas com propriedades antibacterianas, terapêutico-antinflamatórias entre os povos das terras montanhosas e baixas do Vale do Zambeze: Dema e Nyungwe (Moçambique)

António Alone Maia

Este artigo tem como objectivo apresentar o uso de duas plantas medicinais entre os povos das terras montanhosas e baixas do Vale do Zambeze, os Dema e Nyungwe (Moçambique). O uso de plantas medicinais entre esses povos é um saber que não se encontra em manuais, mas ele é passado oralmente de geração em geração. À medida que o tempo vai passando os conhecedores e detentores deste saber vão morrendo e com eles também este saber milenar. São exemplos disso a dona Améria Mangane, conhecida por todos por avó Améria devido as suas habilidades em ajudar outras mulheres a realizarem o sonho de serem mães, através de terapias alternativas com recurso a elementos da terra como água benta, ervas e espiritualidade. Hoje ela não existe mais, passou para o mundo dos ancestrais e choramos pois ninguém aprendeu o sagrado ofício que ela tinha. Esta é uma das principais razões que nos leva a produzir este texto, não só como uma das formas de preservar o saber etnomédico presente entre os povos Nyungwe e Dema mas também para trazer uma contribuição no campo académico em relação aos estudos etnobotânicos. Dado que o campo da etnobotânica é vasto, neste trabalho iremos abordar apenas o uso de duas plantas medicinais que são a mulala e o rícino.

### Mulala

A mulala é uma planta silvestre que possui propriedades antibacterianas e é amplamente usada como escova de dente contribuído desta forma para a manutenção e higiene bucal (Maia,2014: 86-87).

### Características

A mulala tem uma característica *sui generis*, pois ela é uma planta que suas folhas apresentam-se sempre com uma cor verde carregada. O tronco, geralmente é fino e os seus ramos e a própria raiz são utilizados pelos povos do Vale do Zambeze assim como pelos povos do norte de Mocambique, como escova de dente (Maia,2014). Para além de deixar os dentes limpos e cândidos, a mulala deixa também os lábios com um tom amarelado e avermelhado, um autêntico



Imagem 1: Mulala. Fonte: Maia, 2024



batom natural. Outra característica da mulala tem a ver com o sabor. Ela é adocicada facto que faz com que ela seja agradável mesmo mastigando-a.

Portanto, à semelhança da Copaíba, também conhecida como Copaifera, uma árvore nativa da região amazônica que possui diversas propriedades medicinais, em Mocambique, seja os povos do vale do Zambeze (Dema, Nyungwe, Cena) assim como os do norte (Macua) usam o ramo ou a raiz da Mulala para escovar os dentes.

Um dado importante que chama a nossa atenção, é a constatação de que, as folhas da Mulala são, quase que, semelhantes às folhas da Copaíba e coincidentemente, ambas possuem propriedades medicinais semelhantes com alto valor e poder odontológico. Uma grande questão que pode ser levantada, seria a de saber, como se explica que povos tão distantes, que nunca tiveram um contacto intercultural, tenham os mesmos conhecimentos etnobotânicos?



Imagem 2: Ramos de Mulala.  
Fonte: Maia, 2024

Não restam dúvidas que, existem leis universais que regem o desenvolvimento da mente humana para responder aos desafios do seu meio. Este conhecimento, admite-se que tenha se desenvolvido de forma particular e independente nas comunidades onde é praticado e em alguns casos por difusão cultural.

### **Rícino**

O rícino é uma planta de pequeno porte e devido à natureza da sua anatomia, seu tronco é fino assim como os seus ramos. Devido a fragilidade anatómica, ela é uma planta que uma pessoa não pode subir, só passarinhos podem nela se albergar e outros animais pequenos.

Da mesma forma que, os povos amazônicos, quando se trata de enfermidades dermatológicas como feridas e inflamações cutâneas, recorrem a copaíba, uma planta medicinal amplamente utilizada por sua propriedade cicatrizante e anti-inflamatória, de igual modo, para os povos da província de Tete, em Moçambique, o rícino é uma planta muito utilizada para fins terapêuticos e em processos rituais (Maia, 2021).

Em termos **terapêuticos**, a folha do rícino possui propriedades anti-inflamatórias e funciona como um balsamo. Quando uma parte do corpo está inflamada, pega-se na folha do rícino, mergulha-se num balde com água não muito quente e em seguida aplica-se na parte inflamada, quantas vezes forem necessárias, durante 10 a 15 segundos, de forma intercalada, até a



Imagem 3. Ricino.  
Fonte: Maia, 2024.

água esfriar. A folha tingida na água quente e aplicada na parte inflamada produz um efeito analgésico. Para além de propriedades analgésicas contidas na folha, os frutos do rícino contém uma amêndoa de alto valor terapêutico-estético em processos rituais femininos. A amêndoa depois de processada tradicionalmente, produz um precioso óleo, o qual é utilizado pelas mulheres no processo ritual de alongamento dos lábios vaginais. Para além desta função, a semente do rícino é igualmente usada em algumas práticas como uma vacina contra mordeduras de cobras (Maia, 2021). Portanto, o rícino faz parte daquelas espécies de plantas que possuem propriedades analgésicas e anti-inflamatórias.

Uma questão importante que se levanta seria a de saber, como é que esses povos descobriram que a mulala assim como o rícino tinha propriedades medicinais? Não restam dúvidas que, este conhecimento foi fruto de muitas e múltiplas experiências feitas, até chegar a classificar entre plantas nocivas e aquelas com propriedades medicinais. Por isso, o interesse dos povos seja africanos ou indígenas pelas plantas ou animais, em termos de conhecer as suas propriedades, classificar e nomeá-las, este interesse não se pode pensar que é movido por interesses meramente biológicos, pelo contrário, repousa nela uma verdadeira teoria de conhecimento nativo. A respeito dessa visão, Levi-Strauss já chamava atenção mostrando que, a respeito deste, o autor enfatiza que foi um erro que Malinowski cometeu “quando pretendia que o interesse dos primitivos pelas plantas e animais totêmicos era lhes inspirado unicamente pelos reclamos de seu estomago” (Lévi-Strauss, 1989:18). Ou “que o indígena nomeia e conceitua unicamente em função de suas necessidades” (1989:16).

## CONCLUSÃO

Neste artigo, nossa artigo, a nossa intenção era de trazer uma contribuição acadêmica sobre o uso de duas plantas com propriedades medicinais, a mulala e o rícino, entre os povos das terras montanhosas e baixas do vale do Zambeze (Moçambique). Os conhecimentos sobre estas plantas não se encontram em manuais, mas sim em enciclopédias vivas que são as pessoas mais velhas. Dai que, a valorização e preservação das plantas medicinais passa necessariamente pela valorização das pessoas mais velhas que são as guardiãs deste saber, elas é que são autênticas bibliotecas e enciclopédias vivas que herdaram este saber, por sua vez, dos ancestrais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conhecimentos tradicionais dos povos originários, como os Munduruku, Pupÿkary, Karapãna, Tikuna e Kokama (Brasil), Guiné Bissau (Gabu, cultura Fula) e Moçambique –Tete (Dema e Nyungwe) sobre o uso de plantas medicinais oferecem contribuições valiosas para a sociedade contemporânea, especialmente em áreas como a medicina e a conservação ambiental. A prática de usar plantas medicinais, ensinada e mantida pelos pajés desses grupos originários, é crucial não apenas para a saúde física, mas também para a preservação da identidade cultural e a coesão social desses povos. Esses saberes e fazeres milenares refletem uma compreensão profunda da natureza e do ecossistema local, destacando a importância de integrar tais conhecimentos às políticas de desenvolvimento sustentável e conservação, ao currículo escolar do ensino fundamental para que os estudantes reconheçam os saberes milenares de seus antepassados nos livros didáticos, fortalecendo sua soberania cultural.

Esta integração promove uma maior valorização e respeito pelas práticas milenares locais, reconhecendo-as como parte essencial de uma estratégia mais ampla de gestão ambiental, sustentabilidade e existência. Ao valorizar, reconhecer e integrar ao currículo da educação escolar básica e superior princípios e métodos dos povos originários, as políticas contemporâneas podem se beneficiar de uma perspectiva que historicamente tem sido sustentável e que oferece alternativas eficazes para o manejo dos recursos naturais.

Portanto, há uma necessidade urgente de reconhecer oficialmente e integraresse saberes e fazeres ancestrais demonstrados por cada cultura em suas vivências e existências naturais e reais, em níveis legislativos e de implementação de políticas, assegurando que os povos originários estejam envolvidas no processo de decisão e que suas práticas e saberes sejam

protegidos e promovidos. Esta abordagem não só fortalece a consciência e soberania cultural e a resiliência desses grupos originários diante dos desafios globais, mas também contribui para a construção de um presente, aqui agora, bem como um futuro mais sustentável, coerente e equilibrado para os seres vivos naturais, reais em geral.

A continuidade de pesquisas neste domínio, contribuirá para ampliar a oferta de informações sistematizadas que poderão apoiar a criação de materiais didáticos pedagógicos para o ensino de ciências no contexto escolar e não escolar.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Berno Alfredo Wagner (Org.); Coordenação: Joilson da Silva Paulino; TOMÁS, Ana Cláudia M.; PAULINO, Maria Alice. **Nova Cartografia Social da Amazônia: Associação Indígena Karapãna – Assika: rio Cuieiras, Baixo Rio Negro, Amazonas.** – Manaus / UEA Edições, 2012.

ARELLO, E.F.; PINTO, J.E.P. Propagação in vitro de *Kielmeyera coriacea* I. **Efeito das diversas concentrações combinadas de benzilaminopurina e ácido naftalenacético na multiplicação de brotos.** *Pesquisa Agropecuária Brasileira*, 28(1), 25-31, 1993.

BOTELHO, S.A.; CARNEIRO, J.D.A. **Influência da umidade, embalagens e ambientes sobre a viabilidade e vigor de sementes de pau-santo.** (*Kielmeyera coriacea* Mart.). *Revista Brasileira de Sementes*, 14(1), 41-46, 1992.

COLE, M. & SCRIBNER, S. "**Culture and Thought: A Psychological Introduction**". New York: John Willey & Sons. (1974).

Costa, J.A.S. 2020. **Copaifera in Flora do Brasil 2020.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<https://floradobrasil2020.jbrj.gov.br/FB22895>).

DINIZ, M. A. e MARTINS, E. S. **Plantas medicinais na Guiné-Bissau.** África Today Foco Tropical, Fevereiro páginas 110-111; 2005.

ESTRELLA, E. Plantas medicinales amazónicas: realidad y perspectivas. Lima: TCA, 1995. 301p. (TCA, 28). MAIA, J.G.S.; ZOGHBI, M.G.B; ANDRADE, E.H.A. Plantas Aromáticas na Amazônia e Seus Óleos Essenciais. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. 173p. <https://brainly.com.br/tarefa/12906297>  
<https://pt.scribd.com/document/378356504/WHITE-Leslie-A-2009-A-base-da-cultura-o-simbolo-e-Homem-e-cultura-In-O-conceito-de-cultura-Rio-de-Janeiro-Contraponto-pp-9-35>.

FERREIRA, Maria das Graças. Crajiru (*Arrabidaea chica* Verlot). Centro de Pesquisa Agroflorestal de Rondônia. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (EMBRAPA). Porto Velho, RO, agosto, 2005.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Mapa de Conflitos e injustiça Ambiental e Saúde no Brasil.** <https://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/conflito/am-terra-indigena-do-rio-cuieiras-aguarda-demarcacao-enquanto-e-palco-de-inumeros-conflitos>. Acesso em 24 de julho.

IBGE (10 de outubro de 2002). «**Área territorial oficial**». Resolução da Presidência do IBGE de n° 5 (R.PR-5/02). Consultado em 5 de dezembro de 2010  
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (27 de agosto de 2021). «**Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2021**» (PDF). Consultado em 19 de setembro de 2021.

INDJAI, B. **O saber local sobre a utilização das plantas medicinais na Área Marinha Protegida Comunitária das Ilhas Urok**, Reserva da Biosfera do Arquipélago Bolama Bijagós, Guiné-Bissau, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa Portugal, 2017.

LEVÍ-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. (trad. Tânia Pellegrini). Campinas, São Paulo: Papyrus, 1989. 336p.

MAIA, António Alone. *Saúde e doença na cultura Nyungwe: um olhar antropológico-teológico*. Saarbruchen: Novas Edições Acadêmicas, 2014.

MAIA, António Alone. *Historia, Cultura e Saberes Médicos no Vale do Zambeze: Entrevista com Sr. Domingos Magestade Chaguluka*. **Afros & Amazônicos**, v. 1, n. 3, p. 104-120, 2021.

KRENAK, A. *Ecologia Política*. **Ethnoscintia**, Belém. v. 3, n. 2, 2018.  
<https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscintia/article/view/10225/0>

PEREIRA, E. et al. *Transmissão cultural dos saberes indígenas: um estudo sobre as práticas terapêuticas dos Pajés mundurucus*. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog.** 13(2):126-144. 2017.

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2010). «**Perfil do município: Borba, AM**». Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil. Consultado em 28 de fevereiro de 2015

QUEIROZ, L.P., Martins-da-Silva, R.C.V., Costa, J. 2015. **Copaifera in Lista de Espécies da Flora do Brasil**. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. (<http://floradobrasil2015.jbrj.gov.br/FB22895>)  
[Ranking decrescente do IDH-M dos municípios do Brasil](#) (PDF). **Atlas do Desenvolvimento Humano**. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). 2010. Consultado em 2 de agosto de 2013

ROMEIRAS et al. **Plantas Medicinais Utilizadas no Tratamento de Doenças Neurológicas na África Ocidental: Um Estudo de Caso com a Flora da Guiné-Bissau**, *American Journal of Plant Science* Vol.3 No.7ª, 2012, 1028-136 páginas

SANTOS, M. V et al. *Patrimônio Cultural Imaterial: o uso sustentável das Plantas Medicinais pelos índios Tapayuna*. **Revista Brasileira Multidisciplinar**. 22(1):53-66. 2019.

SILVA, G. M et al. Plant species used by the Munduruku indigenous people in the Brazilian Amazon. **Journal of Ethnopharmacology** 141(1):249-255. 2012.

SILVA, L. C. N. **Plantas Medicinais da Guiné-Bissau**: Estudo da sua atividade biológica e caracterização Química, Universidade de Lisboa. Lisboa Portugal, 2014.

STEPHEN, Hugh Jones; CABALZAR, Aloisio. **Povos Indígenas no Brasil. Etnias do Rio Uaupés Karapanã**. Equipe do Programa Rio Negro do Instituto SocioAmbiental (ISA), 2021. <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Karapan>. Acesso em 23 de junho de 20024.

VELTHEM. Lúcia Hussak van. **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. NUAPAUB: USP. São Paulo, 2000.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O perspectivismo é a retomada da antropofagia oswaldiana em novos termos. In: SZTUTMAN, Renato (Org.). **Eduardo Viveiros de Castro**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008. p. 116-129.

### **Agradecimentos:**

O segundo autor (Hely Brasil do Nascimento) agradece à UFAM-PPGE pelo apoio e à FAPEAM pelo incentivo da bolsa em nível de mestrado acadêmico.

O quarto autor (Ussumane Baldé), agradece à UFAM- PPGECH-IEAA Humaitá pela apoio e à CAPES pelo incentivo da bolsa em nível de mestrado acadêmico.

Todos/as os/as autores/as agradecem suas instituições de estudo e atuação profissional pelo apoio e oportunidade de avanços acadêmicos.

Agradecemos aos participantes da pesquisa pela acolhida e generosa partilha de saberes e fazeres milenares neste texto registrados.

## AUTORIA:

### **Alcioni da Silva Monteiro**

Doutoranda em Educação – UFAM, Manaus. Possui Mestrado no Programa de Pós Graduação ensino de ciências e Humanidades, PPGECH-UFAM, IEAA, Humaitá, Campus Vale do Rio Madeira- Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Atua como técnica da SEMED de Lábrea na educação escolar indígena.

E-mail: [alcionimonteiro@hotmail.com](mailto:alcionimonteiro@hotmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8710-4520>

País: Brasil

### **Hely Brasil do Nascimento**

Docente, Licenciado em História e Sociologia, Mestrando em educação, Universidade Federal do Amazonas (PPGE-UFAM), Bolsista FAPEAM.

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

E-mail: [h.b.nascimento.ppge.ufam@gmail.com](mailto:h.b.nascimento.ppge.ufam@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7044-1739>

País: Brasil

### **Leiciane Seabra**

Pedagoga, atuando na rede pública de Manaus. Mestranda do PPGE-UFAM, Manaus.

E-mail: [leicianeseabra.br@gmail.com](mailto:leicianeseabra.br@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-8757-9273>

País: Brasil

### **Ussumane Baldé**

Integrante da Cultura Fula, Professor da língua portuguesa no ensino básico de Mansabá, região de Oio, província Norte (Guiné-Bissau); Orientador de Práticas Pedagógicas (OPP) em Mansabá, região de Oio, província Norte (Guiné-Bissau); Efetuando Pesquisa em Ensino com campo de Estudos Comparados, junto ao PPGECH-UFAM com apoio de bolsa CAPES para mestrado acadêmico (Brasil) 2024-2025.

E-mail: [baldeussumane079@gmail.com](mailto:baldeussumane079@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-0009-0226>

País: Guiné Bissau

### **Gilvânia Plácido Braule**

Pedagogia, Doutora em Educação na Amazônia, UFOPA. Professora Dedicção exclusiva, na Universidade Federal do Amazonas, Campus de Benjamin Constant, Instituto Natureza e Cultura.

E-mail: [gilvania@ufam.edu.br](mailto:gilvania@ufam.edu.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0261-7077>

País: Brasil

### **Antônio Alone Maia**

Dr. Em antropologia, USP

Docente na UniRovuma, Moçambique; Docente visitante estrangeiro PPGECH-UFAM

E-mail: [alonemaia13@gmail.com](mailto:alonemaia13@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3500-8235>

País: Moçambique



### **Suely Aparecida do Nascimento Mascarenhas**

Licenciada em Pedagogia (UNIR, 1987), Doutora em Psicopedagogia (UDC, Espanha, 2004) –  
Docente Universidade Federal do Amazonas – UFAM (2006-atual), atuando na graduação e  
pós-graduação, Orientadora

E-mail: [suelyanm@ufam.edu.br](mailto:suelyanm@ufam.edu.br)

Orcid.: <https://orcid.org/0000-0002-0545-5712>

País: Brasil

### **Tânia Suely Azevedo Brasileiro**

Licenciada em Psicologia, Pedagogia e Educação Física. Pós Doutora em Psicologia pelo  
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP) Doutora em Educação  
(Universidad Rovira i Virgili). Professora titular da Universidade Federal do Oeste do Pará  
(Ufopa).

E-mail: [brasileirotania@gmail.com](mailto:brasileirotania@gmail.com)

Orcid: 0000-0002-8423-4466

País: Brasil

---